

Wallace Leal Valentino Rodrigues

Registramos a desencarnação desse culto e operoso confrade, ocorrida em 13 de setembro p. passado, na cidade de Araraquara-SP, onde residia.

Wallace Leal Valentino Rodrigues nasceu em 11-12-1924, na cidade de Divisa, Estado do Espírito Santo. Aos 16 anos tomou-se espírita e teve destacada atuação no Movimento de Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo.

Escritor apreciado, deixou os seguintes livros: "E, para o resto da Vida ... " , "A Esquina de Pedra" , "Katie King" e "Remotos Contos de Belém". Traduziu cerca de duas dezenas de obras espíritas para o português, além de prefaciá-las com talento, dentre as quais se destacam: "Léon Denis na Intimidade" , "A Obsessão" (A. Kardec), "Viagem Espírita em 1862" (A. Kardec) e "Sessões Espíritas na Casa Branca". Todos esses livros - de sua autoria ou traduzidos - foram publicados pela Casa Editora O Clarim, de Matão-SP.

A partir de 15 de agosto de 1965 assumiu as funções de Redator- -Chefe da "Revista Internacional de Espiritismo" e do jornal "O Clarim", ambos de Matão, fundados por Cairbar Schutel.

Que o obreiro e semeador Wallace possa colher, na Pátria Espiritual, os frutos da seara que plantou.

(Fonte: Reformador, novembro, 1988.)

Wallace Leal Valentin Rodrigues

Nascido a 11 de dezembro de 1924, em Divisa, Estado do Espírito Santo, Wallace Leal Valentin Rodrigues foi para Araraquara, SP com a família, na década de 30. Estudou Ciências Econômicas em Ribeirão Preto, e ofereceu grande contribuição à cultura de Araraquara nas décadas de 50 a 60, principalmente.

Foi ator e diretor de teatro, diretor de cinema, escritor, jornalista.

Realizou seu primeiro filme em 1953: o documentário Aurora de uma Cidade. Depois formou com amigos, o Clube do Cinema na cidade, atividade que durou somente um ano.

Foi diretor e ensaiador do TECA (Teatro Experimental de Comédia de Araraquara) - grupo responsável pelo mais importante movimento teatral da história local, fundado em maio de 1955. Como o teatro municipal já estava bastante deteriorado, Wallace adotou o teatro de arena que tanto sucesso fazia na capital. Iniciou os trabalhos em 1955 e em 22 de julho já estava estreando. Em três anos, encenaram mais de dez peças famosas, numa média de três espetáculos por ano, cada um com dez apresentações, sendo a estréia adquirida antecipadamente pelo Rotary Clube e pelo comércio local.

O TECA viajou por toda região, por várias cidades do interior paulista e esteve em Porto Alegre (RS). Tanto fez, que simplesmente atraiu o Ministro da Educação Paschoal Carlos Magno, para assistir uma apresentação em Araraquara. E ele não só gostou do que viu, como convidou o TECA para se apresentar no Rio de Janeiro. A curta temporada de dez dias, ocorrida no final de agosto e início de setembro de 1957, foi patrocinada pelo Ministério da Cultura e teve como palco o teatro de arena do Hotel Glória. Fez tanto sucesso que o grupo mereceu três páginas na importante Revista O Cruzeiro, sendo notícia no Rio durante toda aquela semana. Voltando do Rio, Wallace continuou suas atividades viajando com o TECA, mas resolveu partir para o cinema de maneira profissional. O TECA continuou fazendo sucesso na cidade e região, até o encerramento das atividades quatro anos depois.

Acompanhou e colaborou com a primeira escola de ballet da cidade: Escola de Ballet Mímica de Araraquara, desde sua fundação maquilando, e apoiando nos figurinos e cenários das apresentações por longo tempo.

Coordenou, compôs, criou, orientou jovens e crianças em desfiles de modas (hoje seriam verdadeiros manequins profissionais) ensinando como andar, sentar, colocação

de mãos e pés, comportamento e postura de corpo e porte em passarela, um trabalho de alta qualificação, ensinamento europeu, transmissão de conhecimento de nobres como só ele, Wallace, sabia fazer.

Como escritor tem livros publicados no Brasil e no Exterior.

Recebeu diversos prêmios, entre os quais:

1948, Prêmio Cija, com o conto Porta Aberta Para Fora da Vida;

1957, Prêmio Apolo, da Crítica Teatral do Rio de Janeiro, Revelação de Direção;

1958, Prêmio Paschoal - 1º Festival de Teatro Universitário de Santos, entre outros.

Wallace tinha predileções pelo futuro. Em agosto de 1964 ele publicou um texto Araraquara - Ano 2017, em que imaginou uma cidade, 53 anos à frente, mas modificada radicalmente pela sua capacidade poética.

Em sua Araraquara do futuro, o patrimônio histórico estaria super preservado, inclusive com a assessoria do historiador José Ferrari, que dirigiria o arquivo municipal, com total apoio da prefeitura, liderando uma equipe que formaria um banco de dados e colheria depoimentos dos mais antigos. Wallace imaginava que, em meio século, teria o mais invejável acervo do país. Haveria, como uma das atrações turísticas locais, um Museu do Chapéu.

Wallace era um multimídia precoce: escrevia bem, era poeta, compunha música e além do teatro, atuava junto ao grupo de rádio teatro. Em 1958 teve a ousadia de escrever, produzir e dirigir um filme: Santo Antonio e a vaca, rodado na região, sobre o folclore regional. Para tanto criou a Arabela Filmes em meados de outubro desse ano. O trabalho de pesquisa e levantamento levou seis meses, de janeiro a maio de 1960. A trilha sonora, em estilo folclórico, também foi composta por ele. Em junho, já com o script pronto, tiveram início as filmagens em locação. Os interiores foram reconstituídos e filmados num barracão do Senac.

Os atores eram do TECA e se propuseram a estudar, com afinco, seus papéis, observando a novidade da técnica cinematográfica, já que vinham do teatro. Toda produção contou com a participação voluntariosa de pessoas locais. Apenas o câmara e o iluminador eram de fora (poloneses). A revelação, corte e montagem foram feitos em São Paulo.

Estrearam em abril de 1961 com direito a uma concorrida avant-première. Sem qualquer apoio dos órgãos federais, ou mesmo das autoridades locais, o filme fez sucesso, e foi distribuído por todo o território nacional. Só em Araraquara o filme ficou

dez dias em cartaz e foi assistido por cerca de doze mil pessoas. A arrecadação da avant-première foi destinada a uma casa assistencial da cidade, e por isso a entrada custou mais cara. O lucro do filme pagou as despesas, que foram muitas. Por não ter recebido nenhum apoio do governo da cidade, Wallace classificou o trabalho, seu e do grupo, como heróico.

Na noite de estréia a polícia teve que intervir e fechar o trânsito em frente o Cine Odeon (futuro Cine Veneza). Após a sessão, o público aplaudia de pé, e houve uma festa. Wallace só lamentou que a mensagem principal não tinha sido captada: O que tínhamos feito pela preservação do nosso folclore passou totalmente despercebido, o que nos desencantou bastante.

O objetivo da produção sempre foi muito claro para seus produtores: o filme foi realizado com o fim de contar o que restava do rico folclore dos campos de Araraquara.

O filme foi distribuído pelo Brasil inteiro durante aproximadamente cinco anos. Depois, por força de lei, tirado de circulação, a menos que fossem feitas cópias novas. Mas não havia capital para isto.

Além do indiscutível talento de Wallace para as artes culturais, merece nota seu trabalho na divulgação do Espiritismo, doutrina que ele assumiu aos 16 anos e divulgou por toda a sua vida.

Wallace se destacou como Redator-Chefe do jornal O Clarim e da Revista Internacional de Espiritismo, fundados pelo inesquecível Cairbar Schutel e editados na cidade de Matão-SP, a 30 km de Araraquara. Wallace foi levado para a editora, em 1964, pelas mãos do sr. José da Cunha, outro gigante que durante muitos anos sustentou a chama acesa por Cairbar Schutel.

O seu pendor para a escrita fez com que Wallace se destacasse também na literatura espírita; foram dezenas de livros, uns de sua própria autoria, outros que ele traduziu e organizou.

Em março de 1973, sem prejuízo do seu trabalho em Matão, Wallace enveredou por nova e gratificante experiência: passou a integrar o quadro de colaboradores da revista Planeta, publicada em vários idiomas e conhecida internacionalmente. A sede da Planeta ficava em Paris mas, a partir de 1972, passou a ser editada também no Brasil, numa parceria com a Editora Três. Wallace recebeu convite, diretamente dos editores franceses, para escrever tanto para a edição brasileira como para a francesa e, por vários anos, os leitores foram brindados com os magníficos artigos elaborados por ele, sempre com temas que enfocavam a fenomenologia espírita.

Em dezembro de 1973, lançou, na sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo, seu magnífico livro Remotos cânticos de Belém, livro que foi e é um sucesso até hoje, com sucessivas edições. No evento, mais de 1.000 pessoas receberam o seu autógrafo.

No enredo da obra, Wallace juntou histórias e personagens e os colocou num avião que é seqüestrado na véspera do Natal. A mensagem que ele passa é a de que a suave melodia do Natal faz-se sentir e abrandar até mesmo situações extremamente graves, como a vivida pelos passageiros. A paz aos homens de boa vontade é o leitmotiv para as situações mais díspares, desde as existenciais até as psíquicas. No fundo há sempre um vago e doce clima que impede a angústia e o pânico dos passageiros.

A produção de Wallace, durante os 25 anos em que permaneceu na Casa Editora o Clarim, pode ser assim configurada:

Como tradutor: Voltou, mas esqueceu; Os mortos vivem; A obsessão; Sessões espíritas na Casa Branca; Viagem espírita em 1862; Três Espíritos do Natal; O ignorado amor; Os inocentes; A janela do meio; Os que não são convidados; Amargo despertar; A grã senhora do Espiritismo; Léon Denis na intimidade; Socialismo e Espiritismo; Vozes na casa.

Como autor: Remotos cânticos de Belém; Meimei; Vida e mensagem; A esquina de pedra; E, para o resto da vida; Katie King.

Como editor: A vidente de Prevorst; Segue-me; Escrínio de luz; À luz da oração; Mãe - antologia mediúnica; Meu filho vive no além; Os mortos vivem; Coisas deste mundo.

Não se pode deixar de ressaltar também a significativa produção jornalística de Wallace. No Clarim, ele era responsável por uma coluna em que narrava acontecimentos mediúnicos que ocorriam mundo afora.

Na Revista Internacional de Espiritismo, escrevia substanciosos editoriais sobre temas da atualidade, onde exprimia com firmeza o ponto de vista do Espiritismo.

No Anuário Espírita, editado pelo Instituto de Divulgação Espírita de Araras, SP, comparecia com várias matérias que o distinguiam como o principal colaborador daquela publicação.

E, por fim, na revista Planeta, conforme mencionado linhas acima.

Considerado pela crítica especializada como uma das pessoas mais cultas dos últimos anos em nosso país, aos 62 anos, Wallace teve seu estado de saúde comprometido e desencarnou a 13 de setembro de 1988.

Esse sensível ser não passou pela vida, marcou-a profundamente pelas suas glórias, sua sabedoria, pela sua cultura, pelas suas criações e arte.

Fontes de pesquisa:

www.araraquara.sp.gov.br/secretariacultura

Revista Internacional de Espiritismo, Matão/SP, outubro 2008.

http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=306